

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA  
OSMALETE ALVES DA SILVA**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A PRÁTICA  
DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

**OSMALETE ALVES DA SILVA**

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A PRÁTICA  
DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculada ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE)

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. RAQUEL MOMBELLI**

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Siva, Osmalete Alves da  
Relações étnico raciais : ações pedagógicas para a prática  
docente na educação infantil / Osmalete Alves da Siva ;  
orientador, Raquel Mombelli - Florianópolis, SC, 2016.  
51 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Especialização EaD gênero e diversidade na escola.

Inclui referências

1. Ações pedagógicas. 3. Raça/Etnia. 4. Educação infantil.  
5. Prática docente. 6. Lei 11.645/2008. I. Mombelli,  
Raquel. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Especialização EaD gênero e diversidade na escola. III.  
Título.

OSMALETE ALVES DA SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A PRÁTICA  
DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
Especialista em Gênero e Diversidade na Escola  
(GDE).

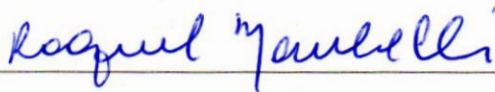
Aprovado em 17 de dezembro de 2016

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

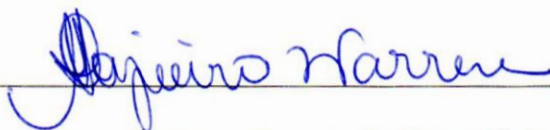
Banca Examinadora:



Raquel Mombelli



Dijna Andrade Torres



Mayra Ramos de Souza Cajueiro Warren

*Dedico este trabalho:*

*Ao meu marido Domingos e aos meus filhos Sarah e Eric, pelo apoio e carinho;*

*Ao meu cunhado Daniel pela colaboração;*

*À minha orientadora Raquel Mombelli, pela paciência e incentivo na orientação;*

*À (os) todas (os) professoras do curso GDE, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.*

## AGRADECIMENTOS

*Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, **sexismo**, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vêm sendo extinta e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.*

*“Negra de carapinha; Não estrague o teu cabelo, me jura; Faça tranças corridinhas  
Com miçangas a cair Carrapitos pequenitos Como aqueles que vovó fazia Pra você.  
Você é africana Tem beleza natural Vai mostrar pra todo mundo Que essa tua  
carapinha É o acabamento de uma obra sem igual.”*

*(Música de Jussara Vi)*

## RESUMO

Intencionada em contribuir com as discussões sobre o estudo das relações étnico-raciais nas ações pedagógicas da prática docente na educação infantil, esse trabalho apresenta uma reflexão a partir de minha experiência como pedagoga em uma creche municipal de Florianópolis (SC). Nele, busco refletir sobre a importância dos estudos das relações étnico-raciais nas ações pedagógicas na prática docente desde a primeira etapa da educação básica, ou seja, a educação infantil, sobre o entendimento da Lei 11.645/2008 que inclui no currículo escolar a obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. O trabalho analisa as atividades realizadas no período de seis meses, com o objetivo de agregar valores culturais e desconstruir pensamentos e atitudes que prejudicam o desenvolvimento escolar da criança, privando-a do conhecimento da sua própria origem étnico-racial. O trabalho visa ainda estimular a docente à reflexão da importância do tema no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Raça/Etnia. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil. Lei 11.645/2008.



## **ABSTRACT**

Intended to contribute to the discussions on the study of ethnic-racial relations in the pedagogical actions of teaching practice in early childhood education, this paper presents a reflection based on my experience as a pedagogue in a municipal nursery school. In it, I seek to reflect on the importance of the studies of ethnic-racial relations in the pedagogical actions in the teaching practice since the first stage of basic education, which is, the infantile education, on the understanding of Law 11.645/2008 which includes in the school curriculum the mandatory Teaching of the history and culture of African, Afro-Brazilian and Indigenous peoples. This research analyzes the activities carried out in a six-month period, aiming to aggregate cultural values and deconstruct thoughts and attitudes that undermine a child's educational development, depriving the child of the knowledge of his/her own ethnic-racial origin. Likewise, the paper proposes to provoke the teacher to reflect on the mentioned theme of ethnic-racial relations in school daily life.

**Key words:** Race/Ethnicity. Pedagogical Actions. Childhood Education. Law 11.645/2008.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Bonecas abayomis .....	28
Imagem 2 - Crianças com abayomis .....	29
Imagem 3 - Bonecas abayomis .....	30
Imagem 4- Crianças com abayomis .....	30
Imagem 5 - Bonecas abayomis .....	31
Imagem 6 - Bonecas abayomis .....	32
Imagem 7 - Roda de crianças no bosque .....	34
Imagem 8 - Roda de crianças no bosque .....	34
Imagem 9 - Roda de crianças na sala .....	35
Imagem 10 - Crianças com turbantes .....	38
Imagem 11 - Crianças com turbantes .....	38
Imagem 12 - Máscaras africanas .....	39
Imagem 13 - Máscaras africanas .....	39
Imagem 14 - Exposição das atividades .....	41
Imagem 15 - Exposição das máscaras.....	41
Imagem 16 - Professoras .....	42
Imagem 17 - Professoras .....	43
Imagem 18 - Teatro de sombras .....	44
Imagem 19 - Teatro de sombras .....	45

## **LISTA DE SIGLAS**

LDBE – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>19</b>
2.1- RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	19
2.2 COMPROMISSOS COM A EDUCAÇÃO DIFERENCIADA .....	21
<b>3 APLICANDO A LEI 11.645/08 NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS SOBRE A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS</b> .....	<b>24</b>
3.1 GRUPO 1: CRIANÇAS DE TRÊS ANOS.....	25
3.1.1 Atividade 1 - desenhar o autorretrato: como eu me vejo. ....	25
3.1.2 Atividade 2 - cartaz “beleza misturada” .....	26
3.1.3 Atividade 3 - a menina bonita do laço de fita com salão de beleza .....	27
3.1.4 Atividade 4 - a confecção da abayomi feita pelas crianças .....	28
3.1.5 Atividade 5 - a confecção da abayomi tamanho grande.....	30
3.1.6 Atividade 6 - a visita da abayomi na creche .....	32
3.2 CONTOS AFRICANOS, MÁSCARAS E TURBANTES COM GRUPO 2: CRIANÇAS DE QUATRO Á CINCO ANOS DE IDADE .....	34
3.2.1 Atividade 1 - África no mapa .....	35
3.2.2 Atividade 2 - Os sete novelos- um conto de kwanzaa .....	36
3.2.3 Atividade 3 - Pinturas faciais africanas .....	36
3.2.4 Atividade 4 - Turbantes africanos .....	37
3.2.5 Atividade 5 - Máscaras Africanas.....	39
3.2.6 Atividade 6 - Semana da consciência negra .....	40
3.2.7 Atividade 7 - Teatro de sombras- baseada no conto africano: a origem das chuvas de ondjaki- livro ombela .....	44
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>
<b>APENDICE - SUGESTÕES DE LINKS SOBRE CONTOS AFRICANOS; REVISTAS ELETRÔNICAS SOBRE O ESTUDO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E VÍDEOS.</b> .....	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação infantil como primeira etapa da educação básica trabalha com crianças de zero a cinco anos de idade e é nesta idade que as crianças se desenvolvem plenamente, através da sua curiosidade e observação. A convivência com seus pares no espaço escolar instiga seu interesse para aprimorar seu aprendizado e é nesta hora que sua visão de mundo começa a desenvolver. Observam as diferenças físicas, as preferências por objetos e por colegas que mais se identificam. O papel da professora é essencial neste processo, pois o seu olhar sensível e ético contribuirá para que o desenvolvimento social da criança para que seja o mais sensato possível onde o respeito prevaleça.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9.394/96 (LDBE, p.17), os artigos 29 e 30 apontam que,

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. E educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade, pré-escolar, para criança de quatro a seis anos de idade.

Diante deste contexto entende-se que muitas professoras e professores na educação infantil apresentam certa resistência em relação à problemática étnico-racial no ambiente escolar. Sabemos que a criança chega à creche como sujeitos constituídos a partir do convívio familiar. Neste convívio familiar a criança se apropria da cultura, dos ensinamentos, dos costumes, da ética, da forma e atitudes que os familiares ensinam para a criança e está incluído o ensinamento sobre o respeito com os idosos, o deficiente, o negro, o índio, ou seja, a maneira que se aceita as pessoas, a inclusão ou a exclusão.

A família é a base do desenvolvimento da criança, é onde inicia o modo de observar o outro ao seu redor. Portanto, é fundamental trabalhar desde a educação infantil as relações étnico-raciais, valorizando as diferentes culturas que a criança está inserida, pois o ambiente escolar é um encontro de culturas e de diversidade étnicas e é dever das professoras e professores estar conscientes

dessas questões, de forma a evidenciar a valorização e respeitar as diferenças étnicas, de gênero e de classe, visando melhorar a autoestima da criança negra.

Com a aprovação da Lei 11.645/08, que substitui a Lei nº 10.639/03, determina as diretrizes e bases da educação nacional e inclui no currículo nacional em todas as etapas da educação básica a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, inserida no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro brasileira e Africana, cujo propósito é incluir as relações étnico-raciais nas discussões e aprendizagem da história e origens culturais em sala de aula para fortalecer os valores, a equidade e a relevância da diversidade cultural e identitária dos cidadãos.

Esta lei representa a importância do ensino das relações étnico-raciais na educação básica nacional, para o conhecimento da formação da diversidade cultural do povo brasileiro, a valorização da identidade cultural negra e indígena e afro-brasileira. Sabendo que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica nacional e obrigatória dos quatro a cinco anos de idade da criança, o ensino das relações étnico-raciais é fundamental para que se construa uma pedagogia voltada para a superação das desigualdades raciais e de superação da discriminação e do preconceito.

Desse modo, o estudo da temática das relações étnicas e raciais na escola é fundamental para o conhecimento da história cultural, linguística e artística, igualmente entender a formação do povo brasileiro, assim como combater o preconceito racial, religioso e cultural desde os primeiros anos de formação das crianças. Quando a escola nega ou não trabalha a contribuição africana ou minimiza a sua importância em relação a outras matrizes culturais como indígena, portuguesas ou europeias, colabora para dar continuidade ao preconceito em relação à cultura afro-brasileira ou à afirmação da identidade negra. Isso também consequentemente limita o conhecimento e reduz as possibilidades de ampliação da cidadania. A escola deve romper com conteúdos funcionalistas e eurocêntricos, a partir de conteúdos e currículos adequados a essas práticas pedagógicas. Isso é urgente.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2014, realizada pelo IBGE, 53% da população brasileira se autodeclararam como negra ou parda. Os dados indicam que o Brasil é o segundo país com mais pessoas negras

fora do continente africano, conforme os pesquisadores, isso vem acontecendo pela criação de políticas públicas que foram implantadas em vários setores e pelo contexto atual de afirmação da negritude, inclusive as leis voltadas para a promoção e reconhecimento das diversidades culturais contribuíram para esse processo. Apesar desse aumento de pessoas se declararem negras, a autodeclaração ainda é algo difícil, em decorrência do forte racismo existente no Brasil.

Portanto, planejar as ações pedagógicas que agregam valores culturais e o conhecimento da história como de fato ela aconteceu, apontando suas conquistas, o cuidado com a natureza, o respeito com o próximo e os ensinamentos deixados pelos ancestrais através dos livros e contos da experiência e sabedoria fazem da prática docente uma pedagogia que provoca a curiosidade, despertando nas crianças pequenas o prazer de aprender a história do seu país destacando a importância da diversidade étnico-racial para o exercício da democracia e a equidade étnico-racial.

A escolha desse estudo deve-se ao fato de que, ainda, persiste a ausência do ensino das relações étnico-raciais nas ações pedagógicas da prática docente, sobretudo na educação infantil.

Por ser uma etapa importante do começo da vida escolar das crianças pequenas, o ensino sobre a história e cultura afro-brasileira deve ser explicada e ofertada mesmo de forma lúdica e utilizando uma linguagem apropriada para essa faixa etária, pois, o seu entendimento fortalece as raízes culturais e amplia valores, diminui as práticas de opressão, discriminação e preconceito.

No ambiente escolar, em que se insere este estudo, as crianças pertencem a diferentes contextos socioculturais e não só produzem sua própria história, mas significativas possibilidades de construção da sua existência concreta, onde conhecer suas origens e a composição histórica do seu país é de extrema importância desde a educação infantil. Uma vez que, aprenderem desde cedo a conviver com a diversidade cultural, podem desenvolver posturas mais compreensíveis com relação a outras crianças pertencentes a culturas diferentes das suas.

Diante da riqueza de diversidade étnica e cultural encontrada no município de Florianópolis e com o propósito de oferecer subsídios e sugestões sobre as possibilidades de ações pedagógicas para o ensino das relações étnico-

raciais na educação escolar, o problema de pesquisa e as questões que nortearam este trabalho foram elaboradas de seguinte maneira:

1- Como trabalhar as relações étnico-raciais na educação infantil?

2- De que forma podemos valorizar as diferentes culturas no ambiente escolar?

3- Qual o motivo que leva a docente a não ofertar o ensino das relações étnico-raciais na educação infantil?

Compreendemos que toda forma de diferenciar o outro e de exclusão por pertencer a diferentes, raças, etnias, religiões e pelas características físicas, são atitudes preconceituosas geradas pela intolerância enraizadas no indivíduo, nas estruturas da sociedade, na educação familiar e escolar, na construção social da pessoa.

Por este motivo e com o intuito de destacar o valor dos estudos das relações étnico-raciais nas ações pedagógicas para a prática docente na educação infantil, foi realizado um levantamento bibliográfico de fontes sobre o tema, assim como um diálogo com os autores, foram fundamentais para identificar os estudos nessa temática, voltados para desmistificar estereótipos negativos em torno de determinadas populações como indígenas e negros construídos ao longo da história.

Apesar dos 12 anos de publicação da Lei 10.639/03 e de 8 anos da publicação da Lei 11.645/08, registra-se uma resistência muito grande ainda por parte dos docentes das escolas públicas em trabalhar com a temática das relações étnico-raciais na educação infantil. Por que isso acontece nas instituições de educação infantil? Por que o tema é pouco trabalhado nessas instituições? O que impede a docente de desenvolver atividades pedagógicas sobre a temática para essa idade escolar? Como a docente se prepara para realizar essas atividades com seus alunos?

Estas questões reúnem o eixo pelo qual a minha experiência profissional enquanto professora auxiliar, junto a uma creche municipal da grande Florianópolis será analisada. Uma das constatações iniciais com relação a essa questão foi o fato de que observei que esse tema era pouco abordado no cotidiano escolar em que estava inserida profissionalmente. As minhas hipóteses com relação a essa constatação, podem estar relacionadas a diferentes e complexos fatores, entre elas:

- 1) Falta de conhecimento da Legislação referente ao estudo das relações étnico-raciais;



- 2) Desconhecimento sobre a temática;
- 3) Ausência de cursos de capacitação e formação acadêmica para professoras sobre o estudo das relações étnico-raciais;
- 4) Falta de material didático apropriado para trabalhar com o tema;
- 5) A cultura açoriana como expressão cultural hegemônica trabalhada na educação infantil, descartando qualquer outra cultura existente na grande Florianópolis;
- 6) Projeto Político Pedagógico escolar vinculado à perspectiva da homogeneidade cultural;
- 7) Racismo e intolerância velada no cotidiano escolar.

A ausência do trabalho pedagógico sobre esta temática na educação infantil pode estar relacionada à esse conjunto de suposições apontadas acima, do qual este trabalho procurará refletir de forma a identificar e a superar essa dificuldade no que diz respeito à aplicação das Leis nº10.639/03 e nº 11.645/08.

Complementando este raciocínio, destaco que o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2013, p.38), estabelece algumas atribuições das instituições de ensino:

Assim, as instituições devem realizar revisão curricular para a implementação da temática, quer na gestão dos projetos políticos pedagógicos, quer nas coordenações pedagógicas e colegiados, uma vez que possuem a liberdade para ajustar seus conteúdos e contribuir no necessário processo de democratização da escola, da ampliação do direito de todas e todos à educação e do reconhecimento de outras matrizes de saberes da sociedade brasileira.

Igualmente todas as instituições de ensino devem cumprir, com a finalidade de combater a discriminação racial e garantir a equidade educacional. Com este propósito, os objetivos do Plano Nacional (2013, p.19) é justamente o de:

Desenvolver ações estratégicas no âmbito da política de formação de professoras (es), a fim de proporcionar o conhecimento e a valorização da história dos povos africanos, da cultura afro-brasileira e da diversidade na construção histórica e cultural do país;  
Colaborar e construir com os sistemas de ensino, conselhos de educação, coordenações pedagógicas, gestoras (es) educacionais, professoras e demais segmentos afins, políticas e processos pedagógicos para a implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08;

Promover o desenvolvimento de pesquisas e produção de materiais didáticos e paradidáticos que valorizem, nacional e regionalmente, a cultura afro-brasileira e a diversidade.

As atividades pedagógicas que desenvolvi a partir dessa experiência profissional foram desenvolvidas preservando e considerando as orientações recomendadas pelas diretrizes do Plano Nacional. Em todas as atividades pedagógicas propostas durante esse período, os meus objetivos eram de:

- Contribuir para as discussões e ações pedagógicas sobre o tema das relações étnico-raciais na prática docente na educação infantil. E nesse sentido, voltou-se para:

- Analisar as atividades realizadas no espaço escolar infantil, assim como, auxiliar na autoestima das crianças negras através de ações pedagógicas que visa o estudo das origens e dessa forma valorizar a matriz cultural afro-brasileira e africana através de atividades pedagógicas no cotidiano escolar voltada a implementação nº10.639/03 e nº 11.645/08;

- Apresentar propostas que possam ser úteis nos planos pedagógicos dos docentes;

- Estimular a docente na inclusão da diversidade cultural nas suas ações pedagógicas.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A realização deste trabalho foi desenvolvida através de uma investigação bibliográfica em bibliotecas, em redes sociais da internet, materiais didáticos, livros, teses, dissertações, resumos, artigos periódicos, dicionários e enciclopédias. Houve também pesquisa na extensão legislação existente no país sobre a temática.

Num segundo momento da pesquisa, foram realizadas leituras com objetivo de definir conceitos-chaves nesse processo de reflexão sobre a importância da aplicação da Lei 11.645 no ensino infantil. Com base nessa literatura e discussões realizadas no curso de formação de GDE, procurei analisar as atividades que desenvolvi junto a uma creche municipal de Florianópolis sobre a temática das relações étnico-raciais com crianças de 0 a 6 anos, durante seis meses, quando trabalhei na condição de professora auxiliar pedagógica. Esse investimento foi com a intenção de registrar essas experiências de forma a trazer elementos e propostas de atividades para trabalhar com crianças, assim como incentivar os docentes na realização de práticas pedagógicas que fortaleçam a diversidade cultural no espaço escolar.

### 2.1- RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO ESCOLAR

A educação começa no ambiente familiar, tornando-a responsável pelo desenvolvimento social da criança, agregando valores, a formação ética e identitária, juntamente com os ensinamentos da família ou comunidade onde está inserida, transmitindo conhecimento de suas origens e seus princípios morais, bem como a reafirmação contínua do fortalecimento dos laços afetivos e históricos, através de uma educação não formal. Por outro lado, aprendemos nas escolas uma distorção de valores e aprendizados, um ensino formal e sistemático onde exclui a experiência da (o) aluna (o), como afirma Moura (2005, p.72);

Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de que a experiência educativa das comunidades leva em conta os valores da sua própria história, enquanto a escola os valores da cultura dominante, ou seja, o saber sistematizado são impostos como únicos, sem qualquer referência às historicidades vividas pelos alunos em seu contexto de origem.

Sobre a referência às historicidades vivida pelas crianças negras, Andrade (2005, p.120) pergunta: “Que orgulho tem a criança negra quando busca na memória a história do seu povo?”.

A inexistência de uma imagem positiva na vida da criança negra e de seus familiares no currículo escolar impossibilita o aprender e a constituir um parâmetro favorável e afirmativo sobre sua origem racial, ocasionando um problema de autoestima.

Desta forma, o currículo escolar segue o que chamamos de um currículo oculto, ou seja, com uma linha de ensino regrado e excludente priorizando um estudo formal. Sob esta percepção, Silva (2011), nos questiona: “Se a relação entre cultura e educação produzem aprendizagens, que aspectos da cultura afro-brasileira têm sido abordados na educação escolar”?

Como presenciamos na nossa formação escolar, a história de luta do movimento negro que vem reivindicando por uma educação igualitária vem sido abafada nas escolas e esta realidade precisa ser modificada. Ainda assim, precisamos refletir na importância da diversidade cultural deixada pelos africanos no nosso país e que nos constituiu ao longo dos tempos, seja nas delícias da culinária, na dança de roda, na riqueza das músicas ou pelas histórias de luta que nos fazem viajar nas desventuras de um povo que sofreu, mas também alcançou os direitos tão esperados. O autor finaliza dizendo:

O entendimento da diversidade cultural como princípio educativo nos instiga, portanto à aprendizagem de valores sociais e culturais do outro, não de forma hierárquica, mas dialógica e relacional. Da mesma forma, provoca-nos ir além da noção de “inclusão” de novos conteúdos na realização das práticas pedagógicas na educação escolar e nos desafia a repensar as relações étnico-raciais, sociais, econômicas, políticas, pedagógicas e culturais na sociedade de maneira sensível, investigativa e responsável. (SILVA, 2011, p.21)

É importante salientar que a escola é uma instituição socializadora e tem o dever de proporcionar aquisição de conhecimentos, respeitando principalmente a história afro-brasileira e africana da qual faz parte a maioria povo brasileiro. Para

isso, é preciso conciliar a experiência e a herança cultural dos alunos bem como positivar as histórias do passado dos africanos escravizados por meio de histórias de relutâncias vivenciadas, igualmente a amplitude do currículo escolar na área das relações étnico-raciais para garantir ao povo afro-brasileiro o direito à memória e à formação pluriétnica. Ressaltando a relevância de um currículo escolar completo, incluindo diversas culturas e experiências das crianças, o Currículo Municipal de Florianópolis (2015, p.29), destaca as seguintes orientações:

Disponibilizar brinquedos, artefatos, imagens, sons e propor manifestações culturais como danças e brincadeiras, que contemplem o contato e o conhecimento sobre as diferentes etnias e culturas. Pode-se convidar, tanto as famílias como outros profissionais, para contribuírem com a ampliação dos repertórios de conhecimentos das crianças.

Neste contexto, o cotidiano escolar na educação infantil, é constituído por um currículo inclusivo e pensado na subjetividade de cada criança, respeitando a diversidade cultural e social da comunidade escolar.

Este trabalho está voltado para uma análise da minha experiência como professora auxiliar numa creche municipal localizada no sul da ilha de Florianópolis em 2014. A minha função nesta creche era substituir a professora regente no seu dia de hora atividade, (dia destinado para pesquisa e cursos de formação). Em reunião com a supervisora da creche, foi sugerido para as professoras auxiliares como projeto de ensino, o estudo das relações étnico-raciais em sala, o qual deveria trabalhar com as crianças a história da África, da cultura afro-brasileira e indígenas. Esta solicitação partiu da Secretaria de Educação de Florianópolis, impondo que todas as instituições de educação deveriam trabalhar este tema em sala de aula, como previsto na Lei 11.645/08.

Para entender como funciona a atividade pedagógica desta creche municipal, descreverei seu compromisso com a educação de crianças pequenas nesta instituição escolar.

## 2.2 COMPROMISSOS COM A EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

A história desta creche é bastante recente. Iniciando seu funcionamento em 2012 vem exercendo seu trabalho de maneira diferenciada, através de um projeto político pedagógico pautado em três eixos: linguagem, interação e brincadeira, auxiliando a prática pedagógica na intenção de intensificar, ampliar e diversificar as ações das crianças.

A organização do trabalho com as crianças acontece por meio de núcleos de ação pedagógica buscando a aplicabilidade no cotidiano escolar da linguagem gestual-corporal, oral, sonoro-musical, plástica e escrita, das relações sociais e culturais por meio de um contexto espacial e temporal, identidade e origens sociais e culturais e das relações com a natureza com manifestações, dimensões, elementos, fenômenos físicos e naturais.

Partindo de uma ação coletiva e preocupada com sua prática educativa, o planejamento desta instituição permeia reflexões teóricas e práticas para que a organização e as funções sejam estabelecidas de acordo com a necessidade de cada criança matriculada.

Conhecer, conversar, observar, cuidar e educar é primordial para o desenvolvimento social e cultural das crianças, da mesma forma a importância de um planejamento responsável e inclusivo, oportunizando momentos de segurança, de acolhimento para que a criança adquira confiança. Para que isso aconteça, existe toda uma preparação, há um respeito mútuo, um processo que vai se modificando ao longo do convívio, das vivências, uma troca de saberes entre professora (or)/criança/, criança/professora or) e criança/criança. Estas trocas são experiências vivenciadas durante a sua existência, com o núcleo familiar, com os amigos da rua, com os amigos da creche, entretanto seu início seja com a família, pois é a base desde o seu nascimento, com os ensinamentos dos avós, dos responsáveis, da cultura que ela está inserida.

A base familiar é onde sua estrutura como ser humano se constitui, aprende a maneira de se comportar, de festejar em dias comemorativos, de se vestir para ocasiões especiais, rituais de passagens, de agradecer ao seu Deus, as vestimentas, a preparação da comida, o vocabulário, as rodas de dança, de música. Diante dos ensinamentos familiares esta criança já carrega sua herança cultural e é ao encontro na creche que acontece a troca, a interação e a aquisição de conhecimentos com seus pares e professora. A professora tem o dever de ensinar

diferentes culturas como também de criar momentos que a criança possa falar sobre sua realidade cultural, identidade e constituição familiar.

### **3 APLICANDO A LEI 11.645/08 NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS SOBRE A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS**

Com a responsabilidade e empenho de elaborar um plano de ensino que respeite a concepção da infância, a função da educação infantil e a organização do trabalho pedagógico nesta creche, além de alcançar os objetivos solicitados neste trabalho na aplicabilidade da Lei 11.645/08 e pela a importância cultural e histórica do estudo das relações étnico-raciais imprescindível na vida de cada brasileira, descrevo e analiso as atividades desenvolvidas com as crianças de três a seis anos de idade em uma creche municipal de Florianópolis, com atividades específicas para cada faixa etária.

Como toda professora de educação infantil que trabalha diretamente com crianças de várias faixas etárias, o mundo da imaginação deve estar presente em todos os momentos que as crianças estão na creche, pois o mundo infantil está totalmente ligado ao mundo da fantasia, do faz de conta, do imaginário, inserido num espaço que se aprende brincando. Para que a “magia” aconteça e que os ensinamentos sejam proveitosos e o aprendizado eficiente, um plano didático deve ter o compromisso, a suavidade e um olhar observador, pois as crianças por mais inexperientes que sejam já trazem consigo os ensinamentos aprendidos na cultura, são seres únicos e singulares, aprendem no seu ritmo e no seu tempo.

Estas atividades foram diversificadas com teatro, músicas, vídeos, pinturas, confecção de bonecas e máscaras entre outras, com o intuito de utilizar diferentes linguagens e materiais. As atividades foram bastante aceitas pelas crianças, porém, exigiram a superação de muitos desafios, como por exemplo, a falta de material didático como livros de literatura infantil afro-brasileiro e de contos africanos, estes foram oferecidos para compor o planejamento pelas professoras e não como acervos disponíveis na creche livros de mapas e bonecas negras. Além desses materiais, utilizei materiais reciclados para compor as atividades como tecidos coloridos, meia fina, espuma, caixa de leite, revistas, entre outros que comprei com o próprio recurso financeiro como fitas de cetim, laços de cabelos, creme de cabelo, pente, elásticos e borrifador de água, tinta para pintura facial.



A maior dificuldade encontrada para elaboração e a aplicação das atividades sobre as relações étnico-raciais, foi a falta de um acervo literário de contos africanos na creche, pois os livros existentes eram aqueles das fábulas da Disney, que retratam princesas brancas, magras e cabelo liso e loiro, em busca do príncipe encantado. Esse não era o propósito dessas atividades.

Procurei levar o conhecimento do povo africano e afro-brasileira, através dos contos africanos que buscam passar o respeito pela natureza, a pureza nas pequenas atitudes diante dos ensinamentos dos avós, a admiração do poder da chuva que cai no calor das tribos africanas, o encantamento que faz o som dos tambores quando toca o coração, o balanço dos cabelos crespos envoltos ao vento, a boneca de pano feita com a saia das mães para acalantar suas crianças, entre outras. Aprendi esses valores viajando nos contos africanos, e mostrei para as crianças nesses seis meses que fiquei nesta creche a beleza das princesas negras e a coragem dos guerreiros africanos.

Acredito que consegui “plantar uma sementinha” de vontade de conhecer um mundo que até então não foi mostrado para as crianças. Disponibilizei o material que trabalhei com o intuito de provocar os docentes para a continuidade dessas atividades, como incentivar a realização de outras atividades voltadas para a temática.

A seguir darei início ao relato e análise das atividades pedagógicas desenvolvidas na creche municipal junto a dois grupos de diferentes faixas etárias:

Grupo 1- formado por quinze crianças com idade de três anos no período vespertino e Grupo 2- formado por vinte e cinco crianças com idades de quatro, cinco e seis anos no período vespertino. As atividades pedagógicas foram desenvolvidas para ambos os grupos por seis meses.

### 3.1 GRUPO 1: CRIANÇAS DE TRÊS ANOS

#### 3.1.1 Atividade 1 - Desenhar o Autorretrato: Como Eu Me Vejo.

Materiais necessários: folha A4 com um formato da cabeça, lápis de cor e lápis de escrever.

Metodologia: Após uma conversa na roda sobre as características físicas que cada uma possui observar as diferenças como nariz, olhos, boca, testa, orelha, com a das colegas, com o objetivo de favorecer a estruturação da identidade da criança, como cada um se reconhece, assim como uma autoimagem positiva, ampliando os conhecimentos de si próprio e dos outros, fazendo com que ela perceba as diferenças físicas entre seu meio social. Igualmente com o intuito de observar a coordenação motora fina, a noção de espaço e a diferenciar as cores. Após esta atividade fizemos uma exposição em sala e discutimos sobre o assunto.

Avaliação da atividade: Ao término desta atividade, todas as crianças observaram os desenhos expostos na sala, muitos desenhos bem detalhados, como os cabelos bem enrolados, com os olhos bem grandes, outros com olhos bem pequenos quase imperceptíveis, mas presentes, apontados pela criança do desenho. Observei nesta atividade a dificuldade de coordenação motora fina por algumas crianças, sem firmeza e controle da mão.

### **3.1.2 Atividade 2 - Cartaz “Beleza Misturada”**

Materiais necessários: revistas cola branca, cartolina, tesoura sem ponta e caneta hidrocor.

Metodologia: Distribuir revistas e pedir para que eles procurassem e recortassem imagens de crianças para a elaboração de um cartaz, trabalhando com diferentes formas de materiais como revistas, tesoura, cola branca e cartolina. Colamos este cartaz na sala e fiz várias perguntas, instigando o olhar de cada criança perante as diferenças físicas existentes em cada imagem recortada, como: As crianças que recortamos são iguais? Quais as diferenças que aparecem?

Avaliação da Atividade: As crianças apontaram as diferenças existentes nas figuras, a questão da cor da pele foi a que chamou mais atenção, seguida dos cabelos, mas também teve criança que simplesmente falou que as figuras eram de crianças sem apontar as diferenças. O objetivo desta atividade foi despertar na criança o olhar de observador e explicar que possuímos diferenças físicas e belezas

diferentes, mas com as mesmas vontades, que é a de estar nos mesmos lugares, de participar das mesmas brincadeiras, fazer novas amizades, de ficar junto e não separado. A questão estética não foi trabalhada.

### **3.1.3 Atividade 3 – A Menina Bonita do Laço de Fita com Salão de Beleza**

Materiais necessários: livro; Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, uma maleta contendo laços de cetim de várias cores, elásticos coloridos, gel de cabelo, creme de pentear, borrifador de água, pentes, grampos de cabelos, prendedores de cabelos.

Metodologia: Esta história foi contada em sala, com tapete e almofadas para maior conforto das crianças. Mas ela pode ser contada em qualquer ambiente. Como toda criança adora ouvir histórias, esta foi contada várias vezes durante o tempo que foi realizado este projeto. Além dessa história também levei para eles outros livros que estarão listados neste trabalho.

Após a “contação da história”, separei todos os acessórios pequenos em potes de requeijão, mostrei na “roda da conversa”, momento em que todas as crianças são convidadas para sentarem em roda em um tapete com almofadas. Expliquei como iria acontecer nosso dia de salão de beleza e frisei que todas as crianças teriam seus cabelos enfeitados e penteados como a menina bonita do laço de fita. Com a ajuda da minha auxiliar de sala, fizemos penteados nos meninos com gel e nas meninas fizemos tranças e diversos penteados. Todas adoraram.

Todos os momentos em sala e também nos espaços externos da creche, fizemos registros de fotos e registros das falas das crianças no momento de observação para compor o relato diário do projeto de ensino.

Avaliação da Atividade: Esta atividade despertou nas crianças o seu lado vaidoso, o cuidado que devemos ter com nossos cabelos, o uso de cremes para pentear e não machucar a cabeça. As crianças não saíam da frente do espelho e me perguntavam que dia íamos brincar de salão de beleza de novo. Os pais também comentaram sobre a atividade, agora a filha só saía de casa se o cabelo estivesse arrumado.

### 3.1.4 Atividade 4 – A Confeção da Abayomi Feita Pelas Crianças

Abayomi é uma boneca africana cujo nome significa “Encontro Precioso” em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano. Feita de retalhos e nós e sem possuir olhos, boca e nariz, justamente para beneficiar o reconhecimento das múltiplas etnias africanas, a sua história contada há muito tempo atrás pelos escravos que estiveram nos navios negreiros. Inventada para amenizar o sofrimento das crianças que ali se encontrava, a boneca Abayomi nasceu dos pedaços de tecidos rasgados das saias das mães como um amuleto e proteção. Presentear alguém com uma Abayomi é um ato de nobreza, é transmissão de alegria e felicidade. Além de saber sobre a sua história trazida pelos ancestrais dos africanos escravizados no Brasil. Para as mulheres negras brasileiras a boneca Abayomi representa a afirmação das raízes negras, história de luta e resistência cultural e conquistas.



Imagem 1 - Bonecas abayomis  
Fonte: <<http://bsp.org.br/1900/10/28/oficina-bonecas-abayomi/>>  
Acesso em: 20 de agosto, 2016.

Material necessário: Pesquisa em livros ou na internet sobre a origem da história da boneca Abayomi.

Metodologia: Após a contação dessa história para as crianças, resolvemos fazer a nossa Abayomi na sala. A confecção da Abayomi foi um processo longo. Primeiro pedir para as famílias colaborarem enviando tecidos pelas crianças. Além da colaboração das famílias, fui atrás de tecidos nas costureiras do bairro. Como são crianças pequenas, elas participaram da confecção escolhendo os

tecidos que seriam utilizados para os vestidos, para os cintos e para o turbante das Abayomis.



Imagem 2 - Crianças com abayomis  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

A montagem da boneca foi efetuada por mim em sala com as crianças. Coloquei as Abayomis coladas em retângulos de papel dupla face para fazer uma exposição no pátio da creche para comemoração ao dia da Consciência Negra que estava se aproximando. Ao colar as Abayomis no papel, usei pouca cola quente já que facilitaria a retirada e entrega para as crianças.

Avaliação da Atividade: Cada criança reconhecia a sua Abayomi, pois tinha sua identidade ali, suas preferências e isso são muito importantes para o desenvolvimento infantil. O respeito e a abertura para a criança criar seu próprio brinquedo, ter suas próprias escolhas faz com que ela se sinta presente, amada e valorizada.



Imagem 3 - Bonecas abayomis  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.



Imagem 4- Crianças com abayomis  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

### 3.1.5 Atividade 5 - A Confeção da Abayomi Tamanho Grande

Materiais necessários: dois pares de meia fina preta  $\frac{3}{4}$  ( braços e pernas), um pé de meia fina preta ( cabeça), meia-calça fina preta, parte maior ( corpo), esponja picada, tecido colorido, elásticos de cabelo, miçangas e elástico de bijuteria.

Metodologia: Confeccionar a boneca Abayomi de tamanho grande para compor a nossa atividade. Para fazer os braços e pernas pegue os dois pares de meias finas, encher de espuma e unir um par de cada vez com um nó. Para fazer o corpo, pegar a parte maior da meia-calça, fazer o nó e encher de espuma. Pegue um pé de meia, encher e fazer a cabeça. Junte todas as partes com nós, formando uma boneca. Coloque um vestido, com cinto e um turbante colorido. Faça colares e pulseiras de miçangas.

Iniciar a atividade contando uma história para as crianças, dizendo que a Abayomi estava fazendo visitas nas creches e ela ficou sabendo que as crianças também estavam aprendendo sobre sua história, foi então que ficou curiosa para conhecê-los.

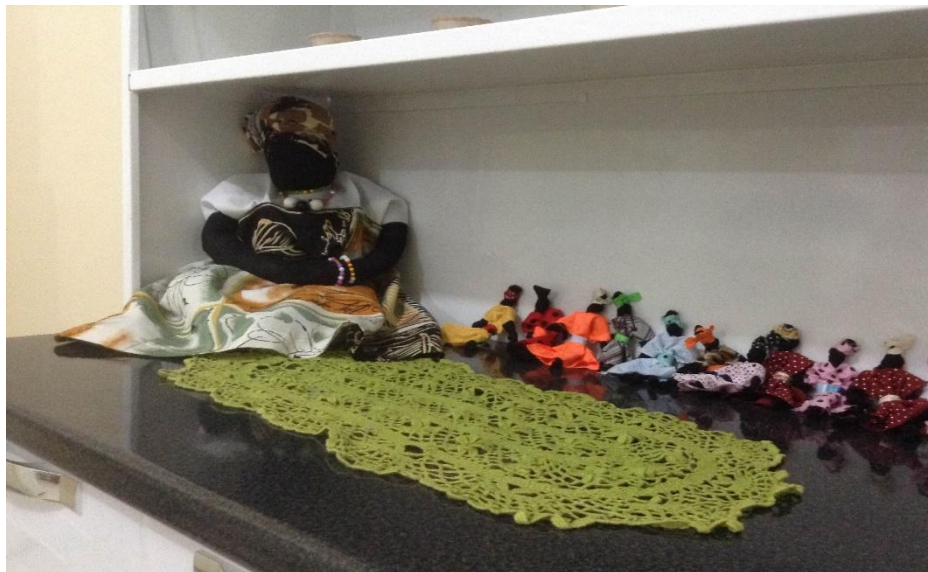


Imagem 5 - Bonecas abayomis  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.



Imagem 6 - Bonecas abayomis  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

Avaliação da Atividade: Esta atividade foi bastante produtiva, com o objetivo de envolver as famílias a participarem da vida escolar dos filhos, mas infelizmente teve pouco interesse das mesmas. Apesar da falta de apoio familiar, foi válido, pois nunca tinha feito uma boneca grande só com nós.

### 3.1.6 Atividade 6 - A Visita da Abayomi na Creche

Materiais necessários: A boneca Abayomi, a “carta da Abayomi”, pedaços de tecidos coloridos.

Metodologia: Quando você entra no mundo da imaginação como faz uma criança naturalmente, você inventa e foi o que aconteceu, inventei uma atividade de **caça ao tesouro**, só que o tesouro foi a Abayomi escondida na creche. Com ajuda de algumas professoras, distribuí pistas por diversas áreas da creche até chegar à Abayomi. Para chegar até essas pistas, foram espalhados pedaços de retalhos pela creche mostrando onde estava a outra pista e assim levaria até a boneca.

Os retalhos foram espalhados no pátio, em algumas salas, na sala da direção e na cozinha. Quando chegávamos a encontrar a pista cada pessoa do local



estava com um bilhete deixado pela Abayomi, onde levaria as crianças até a outra pista e assim fomos ao encontro da Abayomi.

A creche possui uma área verde com uma árvore, coloquei a Abayomi bem acomodada num dos galhos antes de ir para sala. Após uma breve conversa começamos nossa busca.

Esta atividade como também a do salão de beleza, foi bastante significativa, pois nesse grupo de quinze crianças, três são negras e não tinha bonecas negras em sala, não conseguiam se identificar. Com a boneca Abayomi, elas perceberam que existem sim bonecas da mesma cor que elas. Dessas três crianças negras duas são meninas de cabelos bem crespos. Todos os dias elas chegavam com os cabelos presos, após as atividades desenvolvidas em sala, percebi que os cabelos das duas meninas estavam mais cuidados, um dia com tranças, outro dia com outro penteado. Todas as vezes que eu ficava com este grupo, elogiava cada criança e seus penteados. Todo adulto gosta de elogios e as crianças também, faz elas se sentirem amadas, pois muitas delas ficam longe das mães, pais e responsáveis por 12 horas, demonstrando muita carência.

As crianças conseguiram identificar características físicas com as colegas de sala comparadas com a boneca Abayomi, como a cor de pele, os cabelos crespos, porém, cada uma com uma beleza própria, suas preferências para estilo de cabelo e adereços, assim como a comparação das outras colegas brancas, cabelo ondulados, cabelo liso, cabelo loiro.

Avaliação da Atividade: Esta atividade foi aplicada com o intuito de estimular a autoaceitação, valorização da autoestima e a afirmação identitária. O encontro das crianças com a Abayomi foi muito emocionante. A reação de algumas crianças também foi bastante inusitada, demonstrando receio pela boneca.



Imagem 7 - Roda de crianças no bosque  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.



Imagem 8 - Roda de crianças no bosque  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

### 3.2 CONTOS AFRICANOS, MÁSCARAS E TURBANTES COM GRUPO 2: CRIANÇAS DE QUATRO Á CINCO ANOS DE IDADE

As atividades pedagógicas a seguir foram desenvolvidas com crianças de quatro á seis anos de idade, com o tema proposto desse trabalho, ou seja, relações

étnico-raciais, com o propósito de trabalhar os contos africanos, as máscaras e os turbantes, igualmente apresentar para as crianças os valores culturais que cada um representa para o povo africano.

### 3.2.1 Atividade 1 - África no Mapa

Materiais necessários: Um atlas.

Na primeira aula levei um livro de geografia para mostrar o globo terrestre, o mapa mundial, o Brasil, a localização da ilha de Florianópolis e o continente africano. Foi a partir desse ponto que comecei a mostrar os diversos grupos étnicos que compõe o continente africano e seus países, com seus costumes e diversidade estética e linguística.



Imagem 9 - Roda de crianças na sala  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

Avaliação da Atividade: O objetivo desta atividade foi mostrar à criança a noção de espaço e sua localidade no planeta Terra. Foi bem curioso, pois a princípio achei que as crianças iriam se espantar em morar num pedaço de terra rodeada pelo mar e não foi isso que ocorreu, elas ficaram impressionadas pelo planeta Terra e suas camadas internas. Mal deixavam virar a página do livro de tão curiosos que ficaram.

### **3.2.2 Atividade 2 - Os Sete Novelos- Um Conto de kwanzaa**

Materiais necessários: O livro: Os Setes Novelos – Um Conto de Kwanzaa de Angela Shelf Medearis, novelos coloridos de barbantes.

Metodologia: Em roda no tapete, foi feita a leitura do livro “Os Sete Novelos – Um Conto de Kwanzaa de Angela Thelf Medearis”. Ao término da leitura, todos de pé formamos uma grande roda. Foram distribuídos pequenos novelos de barbante colorido para algumas crianças, essas escolhiam uma colega para jogar o barbante e ficava segurando a ponta, esta criança escolhia outra colega e também ficava segurando a ponta, assim formávamos uma “teia” de barbante colorido, como se fosse um grande tear. O objetivo desta dinâmica era mostrar para as crianças que com união de todo o trabalho fica bem feito, como conta a história do livro.

Avaliação da Atividade: As crianças colocaram como exemplo de união, a organização da sala na creche, guardar os brinquedos em casa. Foi bem significativo.

### **3.2.3 Atividade 3 - Pinturas Faciais Africanas**

Materiais necessários: gravura de africanos pintados pelas etnias africanas, extraídas de sites da internet, cartolina branca, cola branca, papel contacto, tinta própria para rosto e lápis preto de maquiagem.

Metodologia: As gravuras que foram impressas da internet, foram coladas em cartolinas brancas e passadas papel contacto. Para realizar esta atividade fizemos uma grande roda, pois este grupo é de vinte e cinco crianças, numa sala muito pequena e o meio de se manter uma organização é convidando todos a fazer uma roda no tapete.

As etnias africanas possuem suas características próprias de pintura e á das mulheres são diferentes dos homens. Expliquei um pouco sobre as diferenças

de pinturas, sobre a tinta natural que eles utilizam para pintar. Com ajuda da auxiliar de sala, pintamos todas as crianças e nós mesmas. Saímos para a área externa onde as crianças de outros grupos olhavam com olhos curiosos.

Avaliação da Atividade: A princípio a ideia era levar diferentes materiais que soltassem tinta como urucum, argila de várias cores, pó de café, vermelho, mas isso não ocorreu, porém, pensei que iria dá algum problema com as famílias, foi onde levei tinta de rosto comprada em papelarias próprias para usar em crianças e lápis preto de maquiagem. Todas as crianças adoraram, assim que terminei, já foram se declarando guerreiros africanos e rainhas africanas.

#### **3.2.4 Atividade 4 - Turbantes Africanos**

Os turbantes africanos são utilizados como acessório para compor a roupa, mas também têm outros significados como acessórios amarrados na cintura pra carregar os bebês nas costas. É muito usado nas cerimônias religiosas pelos orixás por homens e mulheres. No Brasil são usados pelas baianas e também pelas mulheres negras como forma de afirmação do povo negro. Atualmente encontramos mulheres brancas usando turbantes com várias formas de amarrações para compor o look.

Materiais necessários: diversos tecidos de malha lisos ou estampados, livro: O Cabelo de Lelê de Valéria Belém, tinta de rosto, lápis preto de maquiagem.

Metodologia: Para realizar esta aula, primeiro recorri às costureiras do bairro para me doar tecidos de malhas coloridos e estampados. Esses são ideais porque esticam bastante. Logo comecei a aula contando sobre os turbantes e suas diferentes funções. Fiz a leitura do livro o Cabelo de Lelê. Esta história é bastante interessante, pois mostra as diferentes formas de embelezar os cabelos usando turbantes e outros adereços.

Após esta conversa comecei a fazer as amarrações nas meninas e as pinturas de rosto. Nos meninos fiz a pintura do rosto e arrumei os cabelos com gel e creme de pentear. Houve uma aceitação muito positiva dos alunos depois dessa atividade.

Avaliação da Atividade: Esta atividade foi bastante proveitosa, cada dia com este grupo era como estar numa floresta encantada. Os meninos viravam em guerreiros com objetos nas mãos dizendo que eram suas armas para proteger a tribo, além de cadeiras e panos, Formavam mais grupos de guerreiros com as bonecas da sala. Já as meninas, adoravam se olhar no espelho com seus turbantes, sempre trocando de turbantes com as colegas, até se contentarem com a cor mais desejada. Começaram a pegar os lençóis para fazer “sling” (pano transpassado no corpo para carregar bebes), assim fizeram com as bonecas da sala.



Imagem 10 - Crianças com turbantes  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.



Imagem 11 - Crianças com turbantes  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

### 3.2.5 Atividade 5 - Máscaras Africanas

As máscaras africanas são carregadas de muita simbologia e representatividade faz parte de rituais sagrados, celebrações, respeito pelas pessoas mortas e pela natureza. São bastante utilizadas em várias etnias africanas, em danças e rituais de passagens.



Imagem 12 - Máscaras africanas

Fonte: <<http://oincrivelze.com.br/2015/11/como-fazer-mascaras-africanas/>>. Acesso em: agosto, 2016.



Imagem 13 - Máscaras africanas

Fonte: <<http://oincrivelze.com.br/2015/11/como-fazer-mascaras-africanas/>>. Acesso em: agosto, 2016.

Materiais necessários: Pesquisa escrita sobre as máscaras africanas, gravuras de máscaras africanas, cartolina, cola branca, papel cartão preto do

tamanho de folha A4, papéis coloridos picados de várias formas geométricas, folhas secas, gravetos, casca de ovos pós de café passado, lacre de latas de alumínio, barbante, corda de cizal.

Metodologia: Pesquisei e levei para a sala diversas gravuras de máscaras africanas e também fiz uma breve “contação de história” sobre o significado das máscaras nas tribos. Nesta atividade busquei levar diferentes materiais para confeccionar as máscaras. A “contação de história” aconteceu no tapete com almofadas. Logo utilizamos a mesa para a confecção das máscaras para diferentes etnias africanas.

Distribuí uma folha de papel dupla face preta para cada criança e disponibilizei cola branca e papéis coloridos recortados de várias formas como triângulos, círculos, retângulos, quadrados, oval, losango de tamanhos pequenos e também folhas secas, corda de cizal.

Para decorar estas máscaras podemos utilizar casca de ovo, pó de café passado, folhas secas, gravetos, areia, pintar com, botão de roupa, lacre de latinha de alumínio, barbante etc. Assim que as máscaras ficaram prontas, fizemos uma exposição em sala.

Avaliação da Atividade: As crianças apreciaram as atividades e observaram com atenção as máscaras produzidas pelas colegas. Fizeram questão de demonstrar para as mães, pais e/ou responsáveis quando chegavam ou saíam da creche. Algumas ainda fizeram questão de mostrar as máscaras para as colegas e professoras de outros grupos da creche.

### **3.2.6 Atividade 6 - Semana da Consciência Negra**

Materiais necessários: Mesas, atividades produzidas, bonecas negras, literatura africana e afro-brasileira e fita crepe.

Metodologia: Nesta creche é comemorada a semana da consciência negra, onde cada grupo apresenta suas atividades relacionadas com o tema, com exposição das atividades coladas no pátio, varal literário, apresentação de teatro e danças africanas.



Para a comemoração da Semana da Consciência Negra, resolvi organizar uma exposição das atividades realizadas com os dois grupos com quem trabalhei, o Grupo 1 e o Grupo 2. Organizei uma mesa com a Abayomi, rodeadas de livros que foram lidos em sala. As máscaras foram espalhadas nas paredes do pátio e as bonecas negras que me emprestaram também foram agregadas à exposição. Os cartazes confeccionados das gravuras das pinturas de rosto, das imagens das crianças recortadas de revistas e das máscaras africanas também foram expostos.



Imagem 14 - Exposição das atividades  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.



Imagem 15 - Exposição das máscaras  
Fonte: Elaboração da autora, 2016.

Durante esta semana de comemorações fui convidada a fazer parte de um teatro de sombras apresentadas por duas professoras, contando a história da Deusa das chuvas: Ombela. Esta história foi contada para todas as crianças da creche, para que elas tivessem o domínio da história e com isso o entendimento do teatro. Esta semana de comemorações da Consciência Negra foi maravilhosa.

Avaliação da Atividade: As crianças perguntavam o porquê não fiz nas salas delas e que gostariam de ter uma Abayomi também. O que mais me deixava com os olhos cheios de lágrimas era observar as crianças folheando os livros de contos africanos. O lado negativo foi ver poucas professoras apreciando a nossa exposição.

A ideia inicial quando foi colocado em pauta a essa semana de comemorações da Consciência Negra foi fazer várias apresentações convidando a participação de todos os grupos, através de danças africanas, desfiles de máscaras e turbantes africanos, mas não tive retorno das professoras e pouco apoio da equipe pedagógica incentivando os outros grupos.



Imagem 16 - Professoras  
Fonte: Elaboração da autora, 2016



Imagem 17 - Professoras  
Fonte: Elaboração da autora, 2016

### 3.2.7 Atividade 7 - Teatro de Sombras- Baseada no Conto Africano: A Origem das Chuvas de Ondijaki- livro Ombela

Materiais necessários: papel pardo, fita durex, lençol, projetor, livro Ombela, borrifador com água e tambor, tapete e almofadas.

Metodologia: O cenário foi numa sala pequena com papéis pardo colados nas janelas para escurecer. O borrifador com água servia como a chuva, o lençol e o projetor para fazer a sombra necessária dos personagens, o tapete e as almofadas para conforto das crianças e o tambor para iniciar o teatro.

Para compor os personagens levei os tecidos dos turbantes, fiz a pintura do rosto, levei canga de praia branca para vestir o “pai” e um vestido comprido colorido para vestir a “Ombela”, tudo com peças improvisadas do meu próprio acervo, já que a creche não detém desses materiais. A minha função era ser narradora da história. Como o local era pequeno, foi um grupo de cada vez com suas respectivas professoras e auxiliares. Ao total foram seis apresentações. Iniciei a apresentação tocando o tambor e logo a leitura do livro começou.



Imagem 18 - Teatro de sombras  
Fonte: Elaboração da autora, 2016



Imagem 19 - Teatro de sombras  
Fonte: Elaboração da autora, 2016

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho descreveu as atividades realizadas com dois grupos de crianças em uma creche de Florianópolis em 2014, com o intuito de mostrar o quanto é prazeroso e totalmente possível trabalhar o tema de relações étnico-raciais na educação infantil.

Durante seis meses que trabalhei nesta creche, percebi que existe uma infinidade de atividades pedagógicas voltadas a este tema e a riqueza de conteúdos em diferentes áreas do currículo escolar que podem ser abordados no decorrer das aulas. Esta descoberta me incentivou a estudar e a criar novas dinâmicas, melhorando e aprimorando as minhas práticas pedagógicas, para apresentar de forma cada vez mais abrangente e lúdica a história e cultura afro-brasileira e africana para as crianças e também para as professoras.

Sabemos que a Lei 11.645/08 obriga o estudo da história afro-brasileira, africana e indígena nos estabelecimentos de ensino brasileiro, mesmo assim, muitas professoras ainda hesitam em trabalhar este tema nas escolas. Percebo que a falta de conhecimento sobre as relações étnico-raciais ainda é um fator predominante que as impede de aplicar este estudo, entretanto, a ausência de recursos pedagógicos e materiais de apoio para as aulas, contribuem também para o afastamento dos docentes à aplicabilidade do tema.

A educação infantil sendo a primeira etapa da educação básica é primordial o conhecimento da história do país e suas origens desde ainda pequenos.

Como pedagoga e professora de crianças pequenas, compreendo que faço parte da formação escolar dessas crianças e procuro exercer com comprometimento a minha função, buscando desmistificar e desconstruir atitudes preconceituosas através de práticas pedagógicas e conversas em reuniões envolvendo todas as diversidades étnicas e raciais para o conhecimento das crianças e colegas professoras.

De acordo com os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p.15);

Crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontre em contextos coletivos de qualidade. Essa afirmativa é considerada válida para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico-racial, credo político ou religioso, desde que nasçam.

Oportunizar ambientes que favoreçam o desenvolvimento da criança contribuirá para seu crescimento, promovendo espaços de interação, de aprendizagem onde a criança possa relacionar-se com o meio. Nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006, p.19), está bem definido de como o cuidar e o educar devem ser efetivados.

As crianças precisam ser apoiadas em suas iniciativas espontâneas e incentivadas a:

- brincar;
- movimentar-se em espaços amplos e ao ar livre;
- expressar sentimentos e pensamentos;
- desenvolver a imaginação, a curiosidade e a capacidade de expressão;
- ampliar permanentemente conhecimentos a respeito do mundo da natureza e da cultura apoiadas por estratégias pedagógicas apropriadas;
- diversificar atividades, escolhas e companheiros de interação em creches, pré-escolas e centros de Educação Infantil.

Estas estratégias pedagógicas exigiram uma pesquisa, investigação e descobertas aprofundadas sobre o tema, no caso deste trabalho sobre as relações étnico-raciais, pois a história de nossos antepassados não se resume em textos superficiais e excludentes como encontramos em livros de história, relatando a opressão e as diferenças físicas como cor da pele, tipo de cabelo, lábios, nariz. Textos esses que descrevem o sofrimento e escravidão de um povo que foi arrancado de sua família, de sua tribo com muita brutalidade.

Para modificar e transformar esse passado de exclusão, social, econômica e cultural que africanos e posteriormente afro-brasileiros e indígenas vivenciaram e até hoje vivenciam, mas sem deixar de escrever e informar um

passado que estar marcado de muita dor, busquei inserir na minha prática pedagógica contos e ensinamentos descrevendo a riqueza e virtudes de um povo que deixou um legado cultural muito rico e importante para a nossa história e formação da nação brasileira.

Acredito que para combater o preconceito racial nas instituições de ensino, a mudança ocorre com ações e iniciativas das pessoas que estão no ambiente escolar como professoras e professores, equipe pedagógica e demais funcionários da unidade escolar, pois o trabalho em conjunto facilita o resultado e conquistas de um propósito.

Além disso, proporcionar às professoras e professores cursos de capacitação oferecidos pelas secretarias de educação municipal cujo tema de relações étnico-raciais, formação acadêmica na área da diversidade étnica e cultural como disciplina ofertada na grade curricular dos cursos de graduação e cursos de especialização.

No que diz respeito à formação das professoras e professores, a retirada de qualquer lei federal já sancionada que estabelece a obrigatoriedade do ensino das relações étnico-raciais, o estudo africano, afro-brasileiro e indígena na formação das professoras e professores, é um retrocesso do ensino público brasileiro, uma afronta aos direitos conquistados pelos negros ao longo de uma história de luta.

Por fim, pretendo com este trabalho despertar o desejo de transformação do cotidiano escolar com propostas pedagógicas voltadas ao reconhecimento e a valorização da diversidade étnica e cultural da nossa sociedade, assim como o interesse das pedagogas pela produção de conhecimentos voltados a combater o preconceito e o racismo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE. Inaldete Pinheiro de. **Construindo a autoestima da criança negra.** Kabengele.Munanga. Superando o racismo na Escola. 2º edição revisada. 204 p.il. Ministério da Educação. Brasília. 2005. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando\\_%20racismo\\_esc\\_ola\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_esc_ola_miolo.pdf)>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê: Países Africanos.** 2 ed. Brasil. Companhia, 2012.32p.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Legislação Federal. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645/08.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Legislação Federal. Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639/03.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Legislação Federal. Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Volume 1. Ministério da Educação. Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Ministério da Educação. Brasília, 2013.

FLORIANÓPOLIS. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino.** Volume III. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, 2015.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.



MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Brasil. Ática. 24p.

MEDEARIS, Ângela Shelf. **Os Sete Novelos: Um Conto de Kwanzaa**. 1 ed. Brasil. Casac Naify. 2005. 40p.

MOURA, Glória. **O Direito à Diferença**. Kabengele. Munanga. Superando o racismo na Escola. 2ª edição revisada. 204 p.il. Ministério da Educação. Brasília. 2005. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando\\_%20racismo\\_esc\\_ola\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_esc_ola_miolo.pdf)>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

ONDJAKI. **Ombela: A Origem das Chuvas**. 1 ed. Brasil. Pallas mimi. 2014. 36p.

PHILLIPSON. Oily. **Atlas Geográfico Mundial: Com o Brasil em Destaque**. 1 ed. Brasil. Fundamento Educacional. 2011. 176p.

SILVA, Natalino Neves da. **A diversidade cultural como princípio educativo**. Kabengele .Munanga. Superando o racismo na Escola. 2ª edição revisada. 204 p.il. Ministério da Educação. Brasília. 2005. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando\\_%20racismo\\_esc\\_ola\\_miolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_esc_ola_miolo.pdf)>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.

**APENDICE - sugestões de links sobre contos africanos; revistas eletrônicas sobre o estudo das relações étnico-raciais e vídeos.**

- 1- Dez livros infantis para trabalhar questões raciais na escola. Disponível em:  
<http://www.ceert.org.br/noticias/comunicacao-midia-internet/8062/10-livros-infantis-para-trabalhar-questoes-raciais-na-escola>
  
- 2- Princesas Africanas e Leituras Compartilhadas. Disponível em:  
[http://www.ifg.edu.br/igualdaderacial/images/downloads/projetos/princesas\\_africanas.pdf](http://www.ifg.edu.br/igualdaderacial/images/downloads/projetos/princesas_africanas.pdf)
  
- 3- Vídeo Educativo- Ninguém é igual á ninguém. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=VIZFvkmwS9I>
  
- 4- Existem Princesas Negras? Disponível em:  
<http://www.ceert.org.br/noticias/participacao-popular/7912/existe-princesa-negra-um-curta-sobre-racismo-e-representatividade-na-infancia>
  
- 5- 100 livros infantis com meninas negras. Disponível em:  
<https://100meninashttps://incrivel.club/admiracao-famosos/8-famosas-que-conhecem-a-felicidade-da-autoaceitacao-121210/negras.tumblr.com/?og=1>
  
- 6- Famosas que conhecem a felicidade da autoaceitação. Disponível em:  
<https://incrivel.club/admiracao-famosos/8-famosas-que-conhecem-a-felicidade-da-autoaceitacao-121210/>

- 7- Arquivo com brincadeiras da cultura africana. Disponível em:  
<http://dhaena.com/2016/05/brincadeiras-da-cultura-africana/>
- 8- Educação para as relações étnico-raciais. Disponível em:  
<http://eticoracial.mec.gov.br/2013-03-06-18-02-36>
- 9- Quinze autoras negras da literatura brasileira. Disponível em:  
<http://www.taofeminino.com.br/sociedade/autoras-negras-na-literatura-brasileira-s1852713.html>
- 10- Que toda criança conheça Dandara. Disponível em:  
<http://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/8846/que-toda-crianca-conheca-dandara>
- 11- Qual é a cor da cor da pele. Disponível em:  
[http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/qual-cor-cor-pele-tons-feicoes-diversidade-racial-818365.shtml?utm\\_source=tag\\_novaescola&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=mat%25C3%25A9ria&utm\\_content=link#ad-image-0](http://acervo.novaescola.org.br/fundamental-1/qual-cor-cor-pele-tons-feicoes-diversidade-racial-818365.shtml?utm_source=tag_novaescola&utm_medium=facebook&utm_campaign=mat%25C3%25A9ria&utm_content=link#ad-image-0)
- 12- A língua portuguesa que falamos é a culturalmente negra. Disponível em:  
<http://rhbn.com.br/secao/entrevista/yeda-pessoa-de-castro>
- 13- Coisa de uma cacheada. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/user/GillVianna>
- 14- MC Sophia- Menina Pretinha. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>